

EDITORIAL

J. ALVES-FERREIRA | L. BACELAR ALVES | S. GOMES

O território português foi palco de sucessivas reconfigurações entre os finais do império romano e a emergência do reino cristão. A secção [arquivos da terra] é constituída por três artigos de alunos de doutoramento do CEAACP que, no seu conjunto, nos falam de diferentes aspetos dos trânsitos culturais que estão na base deste fascinante período histórico. O território de Mértola entre os séculos VIII e XIII é apresentado numa reportagem fotográfica de M. F. Palma, expondo a coesão de uma paisagem que vem resistindo na sua diferença e diversidade. T. Ricou leva-nos à escala de um objeto da região de Beja: a placa de cinturão da Quinta do Estácio 3, cujo tema ornamental invoca a presença germânica. M. Liberato, por sua vez, a partir da análise de fragmentos de recipientes cerâmicos, e da exploração do registo arqueológico a que estão associados, esclarece-nos sobre algumas particularidades da olaria medieval e da complexidade deste sistema tecnológico.

Na secção [territórios da arte], começamos por ser transportados a um microterritório por A. Franco e P. Telles que, com os retratos em miniatura, nos dão a conhecer pormenores da obra e da vida de António Joaquim de Santa Bárbara. De seguida, G. Pereira apresenta-nos o túmulo de D. Luís da Silveira da capela-mor da igreja matriz de

Góis, um espaço do amplo território escultórico quinhentista. Por último, nas (des)territorializações que compõem esta secção, S. Gomes explora as fronteiras disciplinares da arqueologia, da arquitetura e do arquivo como exercício de compreensão de uma cartografia de escolhas e acasos.

No passado mês de setembro realizou-se em Mértola o II Congresso Internacional sobre a 'Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental' (CIATMO), num formato presencial e online visando ultrapassar os atuais constrangimentos que se colocam à realização de qualquer evento. Na secção [traços das heranças], a comissão organizativa deste evento explica-nos os objetivos do encontro e o modo como decorreu. Do Mediterrâneo Ocidental viajamos à Figueira da Foz pela mão de I. Pinto que, nos conta o modo como este espaço urbano foi sendo constituído ao longo do século XIX e a importância do desenho de Francisco Maria Pereira da Silva neste processo. No terceiro artigo desta secção, A. Redentor, através da epigrafia romana, invoca os tons outonais em que vivemos. E a fechar a revista, lembramos, com Ricardo Reis, que na passagem entre o verão e o inverno, o amarelado das folhas é uma diferença em si mesmo; o indício de uma temporalidade outra a experimentar.



Diffused Reality: space, memory, text.

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) | Campanha de escavações de 2009. (Polaroid de Joana Alves-Ferreira)